



Bancos do Sangue do Cordão Umbilical Duas realidades e objectivos distintos

Os doentes que se sujeitam a transplante de células estaminais podem receber células de 3 fontes: medula-óssea, sangue periférico e cordão umbilical. As duas primeiras colheitas podem ser realizadas nos adultos saudáveis. A última, no cordão umbilical, apenas pode ser feita aquando de um nascimento. Nesta última opção, a aceitação do transplante é maior, por diversos factores.

É inegável a multipotencialidade das células estaminais do sangue do cordão umbilical. Podem ser tratadas através do transplante leucemias, linfomas, doenças medulares, doenças metabólicas, imunodeficiências, hemoglobinopatias.

A criopreservação das células estaminais utilizadas num transplante autólogo e alogénico, apresenta diversas vantagens: disponibilidade imediata das mesmas; inexistência de riscos de rejeição e de reacção de enxerto-contra hospedeiro em transplante autólogo; menor risco de rejeição e de reacção de enxerto contra-hospedeiro que o transplante de células estaminais da medula óssea, no transplante alogénico (e das complicações que daí advêm); menor risco de infecção com agentes infecciosos (oportunistas).

É um facto que a aplicabilidade e a taxa de sucesso dos transplantes alogénicos de células do cordão é superior em crianças e adolescentes do que em adultos, dado que o número de células estaminais necessário para o transplante ter sucesso é proporcional ao peso. No entanto este tipo de transplante também tem aumentado em adultos, através da expansão *in vitro* das células estaminais.

Em nome de uma futura salvação, os bancos privados de criopreservação proliferam, vendendo “seguros de vida biológicos” cuja probabilidade de utilização é reduzida: a taxa de crianças e adolescentes que realmente utilizam as suas células estaminais é praticamente nulo. A necessidade de transplante é muito rara. Mas o risco existe. E os seguros também.

Os pais são, por vezes, perseguidos pelo dilema de não estar a fazer o melhor pelos seus filhos. No entanto, estes métodos estão ainda por demonstrar o seu real valor. Muitas vezes resultam de necessidades artificiais criadas com fins comerciais e desviam os cidadãos da verdadeira dádiva altruísta, que os pode beneficiar também, ao aumentar o banco de células do cordão disponíveis em todo o mundo.

O direito à vida dos restantes doentes que precisam de um transplante alogénico, é trocado por um punhado de euros entregues em nome de um seguro biológico que, provavelmente, nunca virá a ser utilizado para salvar a vida que o cordão alimentou.

As limitações dos bancos privados castram a possibilidade de salvar vidas de outros seres humanos, ao limitarem o uso das células aos próprios ou, possivelmente, a irmãos. Estas células devem ser do domínio público, acessíveis no imediato a quem realmente está doente e precisa.

Um estudo da revista científica *Biology of Bone and Marrow Transplantation* indica que a necessidade de uma pessoa até aos 70 anos precisar de um transplante com as suas células estaminais criopreservadas é de 0,25%, enquanto um doente com a mesma idade a necessitar de um transplante com células doadas por outras pessoas é de 0,5%. Isto significa que as células estaminais devem ser um bem público, uma vez que podem salvar o dobro dos doentes. Além disso a qualidade das células criopreservadas só é garantida durante 10 anos, ou talvez, com a melhoria da tecnologia, 20 anos, o que torna aquela percentagem ainda menor.

A criação de bancos privados estabelece uma desigualdade entre os cidadãos por duas razões: primeiro, as suas células apenas estão disponíveis para as famílias que podem suportar o seu

Somos membros:



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LEUCEMIAS E LINFOMAS
geral@apll.org | www.apll.org | www.medula.org.pt
(+351) 914 349 313
Estr. Int. da Circunvalação, 6657 - 4200-177 Porto Portugal



custo; segundo, se necessitarem de um transplante alogénico beneficiam do banco público, isto é, daqueles que humanitariamente disponibilizaram as células do cordão ou se disponibilizam como doadores.

A criação de um banco público de sangue do cordão umbilical, o LusoCord, servirá para fazer a colheita e o congelamento, sem encargos para os doadores aumentando, desta forma, o número dos mesmos quer a nível nacional quer mundial. A principal diferença entre o banco público e privados, é que estas células estão destinadas a qualquer doente compatível que venha a necessitar delas.

O altruísmo é um valor fundamental no combate a estas doenças por parte das mães e da sociedade. É um dever cívico partilhar o impagável: a vida.

A APLL – Associação Portuguesa de Leucemias e Linfomas - dá as boas-vindas ao LusoCord, e encoraja a dádiva a bancos públicos por diversas razões:

- as células ficam disponíveis para doentes que precisam, caso haja compatibilidade;
- na criopreservação para uso privado a probabilidade de utilização das células do cordão umbilical num transplante autólogo são ínfimas: provavelmente entre 0,0005% e 0,04% nos primeiros 20 anos de vida;
- o armazenamento do sangue do cordão para um familiar é aconselhável quando um irmão ou irmã padece de uma doença que pode ser tratada com um transplante alogénico, caso haja compatibilidade HLA, caso contrário, deverá ser um bem público.

O direito a melhores tratamentos e à vida é uma realidade sem valor monetário e que não deverá ser acautelada com seguros.

João Salazar
Herlander Marques

Somos membros:



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LEUCEMIAS E LINFOMAS
geral@apll.org | www.apll.org | www.medula.org.pt
(+351) 914 349 313
Estr. Int. da Circunvalação, 6657 - 4200-177 Porto Portugal